



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Senhoras e Senhores Embaixadores

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação

Comemoramos hoje, e aqui, a data da fundação, há 50 anos, da União Africana. A ONU, em 1972 reconheceu a importância desse encontro fundador e instituiu o dia 25 de Maio como o Dia de África, símbolo maior da luta dos povos do continente africano pela sua independência.

A União Africana, que substitui a originária Organização da Unidade Africana resultou da percepção do desajustamento de alguns dos objetivos iniciais (como a da defesa da independência dos países africanos colonizados e o da luta contra toda e qualquer manifestação de colonialismo ou neocolonialismo) no atual contexto histórico-político dos seus estados-membros. A União Africana foi criada com o propósito de

- promover a paz, a estabilidade e a segurança do continente;
- acelerar a integração socioeconómica do continente africano, com vista a reforçar a unidade e a solidariedade entre os países e os povos africanos;
- incorporar e garantir os valores marcantes da defesa da democracia, do Estado de Direito e dos direitos humanos;
- acelerar e incentivar a investigação em todas as áreas, sobretudo, no setor das ciências e da tecnologia;
- erradicar doenças evitáveis e promover a saúde em África;
- integrar um projeto de desenvolvimento sustentado nos planos económicos, sociais e culturais.

Comemorar esta data tem por isso um duplo significado especial, por um lado comemora-se um continente, na sua diversidade cultural e pluralidade políticas, mas também na sua essencial identidade e unidade africanas. Comemora-se, ainda, um projeto internacional que teve a vitalidade de sobreviver cinco décadas e adaptar os seus objetivos e a sua organização, às novas realidades histórico e políticas sem perder, no entanto, a história e o percurso efetuado desde 1963.

A Assembleia da República, através da Comissão de Negócios Estrangeiros e Comunidades Portuguesas, aderiu à comemoração desta data histórica numa realização tripartida envolvendo o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Grupo de Embaixadores Africanos em Lisboa, querendo exprimir a sua solidariedade e identificação com os objetivos da afirmação da África na nova ordem internacional.

E temos bem presente a referência do Doc. do Conselho Executivo da União Africana (de 8 de Abril de 2013) quando diz que:

“As comemorações do 50º aniversário serão ancoradas pelo Tema Pan-Africanismo e o Renascimento Africano. O Pan-Africanismo reflete a longa história das civilizações Africanas, como o berço da humanidade, e é o centro de formação e existência da OUA e agora a União Africana. Este informou respostas Africanas à escravatura e ao colonialismo, às lutas pela independência e a autoexpressão e aos processos pós-independência da formação da nação. De igual modo, o anseio por um renascimento Africano foi inspirado por esses mesmos desafios, um reconhecimento que ao lançar o jugo da escravidão e do colonialismo

deve libertar o continente e redescobrir a sua identidade e traçar a sua própria causa, em todas as áreas da atividade humana”.

Os relatórios internacionais recentes identificam, genericamente, não obstante a sua diversidade, a melhoria das condições de vida no continente e o impacto positivo aos diversos níveis, educativo, sanitário, económico-social e político. Os desafios do desenvolvimento sustentável passam pela garantia da paz, da resolução das questões de regime, religião, de fronteira. E nesse quadro não queremos deixar de regressar a uma conclusão lapidar da União Africana quando diz:

“A África está bem colocada para desenvolver novas soluções dos seus próprios desafios e dos que o mundo está enfrentando. A África tem o seu próprio génio, os seus próprios Valores Comuns e recursos, seja eles humanos ou naturais para inventar novos modelos de crescimento equitativo e sustentável que garantirão um futuro harmonioso para as gerações vindouras”.

É esse também o nosso desejo ... o Vosso desígnio.



EMBAIXADA DO REINO DE MARROCOS

LISBOA

Assembleia da República

Intervenção da Senhora Embaixadora

Projecto

29 de Maio de 2013

(Senhora Presidente da Assembleia da República,)

Senhor Presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros e das Comunidades Portuguesas,

Senhor Secretário de Estado,

Senhoras e Senhores Deputados,

Senhoras e Senhores Embaixadores e membros do corpo diplomático,

Excelências,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

É uma honra que concedem ao Grupo dos Embaixadores Africanos, convidando-os a celebrar convosco, no seio desta venerável Assembleia da República, o quinquagésimo (50º) Aniversário da Organização de Unidade Africana, que se tornou em União Africana a partir de 2002.

Vejo nisto um duplo significado. O primeiro, é o da vitalidade das relações entre Portugal e África. O segundo, é o da singularidade dos laços e a relação de excepção que unem Portugal e África.

Estamos reunidos nesta distinta Instituição, porque Portugal e a África estão ligados por compromissos de fraternidade, de história e simplesmente pelo coração.

Gostaria igualmente de agradecer à Assembleia da República pelo acolhimento e hospitalidade que quiseram ter a amabilidade de nos dispensar.

Excelências

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

No momento em que o mundo assiste à fusão de nações, em que a história se acelera e as fronteiras têm cada vez menos significado, a África celebra este ano, o quinquagésimo (50º) Aniversário da sua integração, sob o tema do panafricanismo e do renascimento africano.

Uma nova dinâmica é assim dada ao sonho da integração africana, sustentada pelos heroínas e heroís, que após o processo de independência acreditaram firmemente no destino de uma África unida e solidária. Quando Casablanca acolheu, em Janeiro de 1961, uma das primeiras conferências africanas, a estrutura e as acções a serem tomadas para a concretização do sonho africano, foram definidas pela Carta, dita de Casablanca, a Carta de uma África nova.

No centro das iniciativas desenvolvidas pelos fundadores da integração africana, havia a recusa de ver África marginalizada, reduzida a um mero reservatório de matérias-primas que alimentavam os países desenvolvidos. Havia a rejeição do falso evolucionismo, que pretendia que alguns povos estariam como que aprisionados a um nível inferior de evolução humana, que as suas culturas ditas, «*Primitivas*», não seriam senão objecto de estudo para antropólogos. Resumindo, existia o sonho de uma África livre e emancipada, com a escolha bem assumida de fazer sair definitivamente a população da pobreza tirando os benefícios das gigantescas potencialidades africanas.

Hoje, falamos claramente de renovação, porque a nossa África nunca abandonou a ambição e a vontade de ter as rédeas do seu próprio destino. Uma África de prosperidade e de paz. Uma África orgulhosa do seu passado mas decididamente virada para o futuro. Uma África rica em diversidade cultural e humana, e aberta aos ventos da modernização.

Excelências

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

A humanidade está a entrar numa era onde os destinos dos povos estão estreitamente ligados. Um novo Mundo cujo futuro não se pode dissociar do da África.

E porque o mundo mudou, porque os equilíbrios geográficos mudaram, porque a globalização nos mudou, o nosso continente africano está actualmente em vias de escrever uma nova página nas relações Norte/Sul.

Hoje, o mundo consciencializou-se efectivamente de que lhe será cada vez mais difícil, ou impossível, de continuar a ignorar todo um continente em movimento, e que ainda por cima, conta com 54 dos 193 Estados membros no seio da Organização das Nações Unidas, um continente onde vivem actualmente mais de mil milhões de habitantes, ou seja um sétimo da população mundial.

Com um PIB a aumentar continuamente na maioria dos países africanos, o nosso continente representa um mercado potencial considerável que contará, em 2020-2025, com 1,4 mil milhões de consumidores. África possui ainda 22% da superfície mundial de terras ainda inexploradas ou seja 30,3 milhões de Km².

E mais, graças a alguns Estados africanos que se afirmaram entre os países emergentes, a imagem de um continente empobrecido já não reflecte a realidade: o crescimento médio do continente ultrapassa os 5%. Os empresários, os criadores, os

artistas, as mulheres e os jovens, são as forças vivas da mudança. Encarnam a África dinâmica, empenhada plenamente na marcha do mundo.

A sociedade civil africana, quanto a ela, organiza-se e tem um peso cada vez maior. Aguarda por mais equidade, mais transparência, mais liberdade. Está a crescer um movimento pelo respeito dos Direitos do Homem, pela boa governação e gestão dos assuntos públicos, pela solidariedade para com os mais desfavorecidos e pela justiça social. Mas o continente continua confrontado com enormes desafios: políticos, securitários, ecológicos, económicos, demográficos, sanitários e educativos.

Excelências,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Se a África e o mundo estão numa encruzilhada, o nosso continente está determinado a assumir plenamente o seu desenvolvimento político, económico e social.

Com a celebração do quinquagésimo (50º) aniversário da integração africana, a África, assente no seu panafricanismo, compromete-se num processo irreversível de integração e de desenvolvimento baseado numa identidade comum.

Com a estratégia « *Africa 2063* », a África tem, com base em valores partilhados e instituições comuns, unido os seus esforços para conduzir a um processo irreversível de integração e de desenvolvimento duradouro.

Com o Protocolo de criação do Conselho de Paz e Segurança, que reforçou os poderes da União Africana em matéria de prevenção de conflitos, o nosso continente introduziu novas regras em matéria de consolidação, da estabilidade e da paz.

Muitos avanços e vantagens que conferem à África um papel importante na governação global de um mundo em construção, que exige claramente uma revisão apropriada e relevante.

De tudo isto tira-se uma dupla convicção: não haverá globalização bem-sucedida sem uma África forte e confiante. Mas os esforços de África seriam infrutíferos se o mundo não a acompanhar na sua marcha para o futuro.

Excelências,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

O crescente número de parceiros estratégicos de África com o resto do mundo, nomeadamente com a União Europeia, com a América do Sul, a Índia, a Coreia do Sul, os Estados Unidos da América, a China, o Japão e a Turquia, é o sinal de uma África consciente dos desafios que acabo de enumerar, mas decidida a enfrentá-los de maneira progressiva e harmoniosa com o apoio dos seus parceiros.

Nesta abordagem Portugal desempenha um papel de primeiro plano. Prova disso são a visão e as recomendações de Lisboa a favor de África aquando da sua última presidência da União Europeia.

Nada de surpreendente, quando sabemos que a relação entre África e Portugal era e continua a ser excepcional. Excepcional dado que foi a partir das costas africanas que começou a grande aventura portuguesa e humana que moldou a face do mundo. Excepcional também, graças aos legados históricos, a um património cultural e a uma miscigenação que se traduz por influências recíprocas em múltiplos domínios. Excepcional por fim, dada a política estrangeira e de cooperação portuguesa visionária e realista, baseada na moderação, na justiça, na abertura e no diálogo.

Numa palavra, Portugal é, sem dúvida, um importante parceiro de África em diversos domínios, e um dos mais ardentes defensores das grandes causas africanas nas instâncias regionais e internacionais

Portugal é chamado mais do que nunca a reforçar o seu papel nesta nova era africana para o bem da amizade e da cooperação luso-africana.

Permitam-me que conclua reiterando uma vez mais os meus agradecimentos a todos vós pelo acolhimento e hospitalidade e pela vossa preciosa presença, que reflete a qualidade da amizade luso-africana

Muito obrigada



**EMBAIXADA DO REINO DE MARROCOS
LISBOA**



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE NA REPÚBLICA
PORTUGUESA**

**Intervenção de Sua Excelência Jacob Jeremias Nyambir,
Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da
República de Moçambique na República
Portuguesa, por ocasião da Celebração das
Bodas da Unidade Africana na Assembleia da
República Portuguesa**

Lisboa, 29 de Maio de 2013

Senhor Dr. Alberto Martins

Presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros e das
Comunidades Portuguesas

Excelência,

Senhor Dr. Francisco Almeida Leite

Secretário de Estado para Cooperação

Excelência,

Senhora Dra. Karima Benyaich,

Embaixadora do Reino do Marrocos na República Portuguesa e
Decana do Grupo Africano de Embaixadores em Portugal

Excelência,

**Senhores Embaixadores acreditados na República
Portuguesa,**

Excelências,

**Digníssimos Deputados da Assembleia da República
Portuguesa, excelências**

Membros do Governo da República Portuguesa, excelências

Membros do Corpo Diplomático, excelências

Distintos convidados

Minhas Senhora e meus senhores,

É com subida honra que me dirijo a esta magna assembleia numa
cerimónia imbuída de enorme significado e que marca na capital
Portuguesa, um dos momentos mais altos e que se pretende
memorável, da celebração das Bodas de Ouro da Unidade
Africana.

As celebrações desta efeméride decorrem sob o lema **Pan-
africanismo e Renascimento Africano**, duas emblemáticas
expressões da solidariedade africana e da luta pela soberania,
dignidade, liberdade e independência. Este tema sugere a
celebração dos valores e das matrizes Identitárias para o

estabelecimento da ponte entre o passado e o presente, e para que as gerações vindouras se apropriarem desses mesmos valores com orgulho.

Decorridas cinco décadas, regozijámo-nos pelo alcance de um dos principais objectivos que nortearam a criação da Organização da Unidade Africana, hoje União Africana, nomeadamente a libertação do nosso continente. O percurso da organização tem sido marcado por grandes realizações e desafios. De notar que, a África conquistou a qualidade de um actor político relevante na agenda global, não obstante os enormes desafios que se apresentam, especificamente na frente política, a pacificação do continente vis a vis a transformação do seu potencial económico em riqueza.

Minhas senhoras e meus senhores

O tema eleito para esta celebração sugere uma reflexão sobre o futuro do continente, um exercício que visa contribuir para a emergência de uma visão e agenda de longo prazo da União Africana.

Gostaria, deste modo, partilhar com esta Magna Casa, que os africanos entendem que esta reflexão tem importância histórica, podendo permitir revisitar os planos anteriores, como o Plano Acção de Lagos, o Tratado de Abuja, a Nova Parceira para o Desenvolvimento de África e identificar caminhos a seguir de forma a dar um novo impulso ao crescimento e desenvolvimento económico sustentável da região.

No mesmo contexto, estamos confiantes que na perspectiva económica, nos próximos tempos o continente conhecerá a materialização das principais aspirações das comunidades africanas, no sentido de transformar os recursos que o continente detém em oportunidade para as pessoas, que visam o combate à pobreza, rumo ao desenvolvimento económico e social.

Esta longa caminhada foi também marcada por constrangimentos, ilustrados pelas fragilidades que temos ainda de superar no concernente a infra-estruturas e diferentes manifestações da pobreza.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Paradoxalmente, as realizações no contexto da democracia participativa, constituem ainda preocupações, o ressurgimento do fenómeno de mudanças inconstitucionais de Governos em África.

Em resposta a esta dinâmica, as estruturas da União, em conjugação com os esforços dos Governos, juntaram sinergias com vista ao reforço da capacidade de resposta, no quadro da arquitectura africana da paz e segurança, e na consolidação dos ganhos, no contexto do Mecanismo Africano de Revisão de Pares.

Não obstante, o nosso continente está bem posicionado para desenvolver soluções inovadoras para os desafios que enfrenta, contam para a materialização deste anseio, uma rica diversidade cultural, uma história marcada por vitórias, honras e glórias e, sobretudo, por um enorme manancial de recursos. Todos esses atributos, conjugados, servirão para reconfigurar a matriz de prosperidade e bem estar que os nossos Povos almejam.

Com efeito, reitero a necessidade dos cidadãos dos nossos países participarem activamente na vida política, económica e social dos seus países, com vista a oferecerem o seu contributo para a definição de modelos adequados para o continente, de modo a responder a realidade africana.

É, pois, neste sentido que continuamos firmes na luta pela libertação económica do nosso continente, onde estamos seguros, que as comunidades económicas regionais têm desempenhado um papel imprescindível, na realização da visão de uma África Livre e Independente.

Para terminar, permitam-me reiterar os meus votos, para que as relações de cooperação entre os países que orgulhosamente representamos e Portugal continuem a estreitar-se e que produzam frutos desejosos. A finalizar, gostaria de manifestar a nossa inteira disponibilidade de trabalhar em estreita parceria, para o benefício dos nossos Estados e Povos.

Lisboa, 29 de Maio de 3013

DISCURSO PROFERIDO PELA EMBAIXADORA KEITUMETSE MATTHEWS NA CERIMÓNIA COMEMORATIVA DO 50º ANIVERSÁRIO DA OUA-UA NO SENADO DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA DE PORTUGAL, NA QUARTA-FEIRA, 29 DE MAIO DE 2013, PELAS 11H00

**EXMO. SR. PRESIDENTE DA COMISSÃO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS E DAS COMUNIDADES, DR. ALBERTO MARTINS,
MINISTRO ADJUNTO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, SR. ALMEIDA LEITE,
MINISTROS E MINISTROS ADJUNTOS,
EXCELÊNCIAS, EMBAIXADORES ACREDITADOS EM PORTUGAL,
COLEGAS EMBAIXADORES DO CONTINENTE AFRICANO ACREDITADOS EM PORTUGAL,
MEMBROS DO CORPO DIPLOMÁTICO,
LÍDERES DOS PARTIDOS DA OPOSIÇÃO,
MEMBROS DO PARLAMENTO,
JOVENS DE TODOS OS SECTORES E DAS VÁRIAS ORGANIZAÇÕES JUVENIS,
ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS,
DISTINTOS CONVIDADOS,
SENHORA CELINA PEREIRA,
SR. CHALO CORREIA,
SENHORAS E SENHORES**

EXMO. SR. PRESIDENTE,

Em Abril deste ano, a Comissão da União Africana, em conjunto com o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas, lançou um programa regional, entitulado **Construção de Condições Favoráveis à Promoção Económica e Participação Política da Mulher em África**. Tendo em consideração que a Organização da Mulher Pan-Africana foi criada em 1962, o que prova o nível de iniciativa das mulheres, é oportuno que, ao comemorarmos o 50º Aniversário da Organização de Unidade Africana-União Africana, tenhamos em conta o papel da Mulher no continente uma vez

que esta questão tem sido estipulada como uma das maiores prioridades da agenda da União Africana.

O Director do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas disse, e eu passo a citar: “África está no vértice de uma transformação e vemos a promoção da Mulher como um suporte fundamental na evolução social, política e económica em África”.

O programa tem em vista alcançar quatro resultados principais em 2016:

1. Maior possibilidade de apoio ao investimento agrícola na União Africana e nas Comunidades Económicas Regionais
2. Acesso pelas empresárias e jovens aos serviços de desenvolvimento financeiro e empresarial
3. Maior representação em posições de liderança, a nível regional, quer através da eleição para cargos políticos ou nomeação para os quadros das instituições públicas, tribunais e comissões
4. Maior integração da igualdade de género nos processos de planeamento, orçamento e fiscalização, a nível regional, tanto na UA como nas Comunidades Económicas Regionais.

Ao referir-se ao programa, a Presidente da Comissão da União Africana Dra. Nkosazana Dlamini-Zuma disse:”o programa contribuirá para diminuir a desigualdade de género, garantir igual acesso de oportunidades, direitos e promoção da Mulher africana, no sentido de se tornar uma parceira igual na agenda do Continente.

Senhor Presidente,

Fiz várias referências às Comunidades Económicas Regionais, ou CERs, e talvez fosse útil nomear algumas. A União Africana tem 8 Comunidades Económicas Regionais que actuam como pontes para a integração africana, com vários graus de sucesso. São a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS), a Comunidade

da África Oriental (EAC), o Mercado Comum da África Oriental e Austral (COMESA), a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), a União do Magrebe Árabe (AMU), a Comunidade de Estados do Sara-Sahel (CEN-SAD) e a Autoridade Inter-governmental para o Desenvolvimento (IGAD). A implementação, com êxito, dos planos de integração do Continente produzirá os benefícios económicos, e de outra natureza, que permitirão melhorar o nível de vida das pessoas, e talvez o avanço lento no caminho da integração passará a ser mais dinâmico quando as mulheres o organizarem, liderarem e coordenarem.

Senhor Presidente,

Porquê dar mais poder às mulheres?

Gostaria de deixar no Parlamento algumas reflexões sobre a necessidade urgente de promover as mulheres no continente africano:

Mais de 168 milhões de mulheres estão activas nas economias da África Austral. Entre 2005 e 2015, o custo para a sociedade de não se investir na igualdade de género e no poder das mulheres irá aumentar a distância entre géneros quer na educação primária quer secundária, e estima-se que levará a uma redução de 0,4% no crescimento económico anual. Os países que investem na promoção do estatuto socio-económico das mulheres tendem a ter taxas de pobreza mais baixas e um ano adicional de escola secundária nas jovens pode aumentar o seu futuro salário entre 10% e 20%.

Actualmente, mais de 80% da alimentação em África é produzida por mulheres e, no entanto, apenas possuem 1% da terra arável de boa qualidade. Se estivessem a par dos homens em termos de acesso a recursos, poderiam aumentar a sua produção agrícola em um terço, 30%. Existem disparidades entre o Norte do continente e o resto de África. Por exemplo, o emprego de mulheres em sectores não agrícolas, no Norte de África, é de cerca de 18,8% (2009) e de 32,6% no resto de África.

E poderia continuar... Basta dizer que gostaríamos de ver números mais elevados em todos os sectores, público e privado, e em todas as regiões. Como mulheres e líderes, estaremos a prestar grande atenção aos progressos do programa da UA/FDNU a fim de garantir que as expectativas são satisfeitas e os objectivos são alcançados pelas mulheres, de acordo com o apelo feito pela Dra. Dlamini-Zuma, quando exortou as mulheres a serem os motores da mudança que querem ver em si próprias e no Continente. As mulheres africanas têm de liderar o Renascimento de África e moldarem a visão da União Africana nos próximos 50 anos.

Regoziamo-nos que a Declaração Solene da UA sobre Igualdade de Género, no âmbito do seu compromisso com o princípio da Paridade de Género, tenha estabelecido o objectivo de 50% de representação feminina em todos os órgãos das Comunidades Económicas Regionais, governos nacionais, parlamentos e poderes judiciais, na União Africana. Em 2012, as mulheres representavam 21,2% dos Deputados parlamentares em África, comparado com os 19,8% registados em 2011.

Senhor Presidente,

É nossa grande esperança que na cerimónia de encerramento das celebrações do 50º aniversário, que decorrerão no próximo ano em Adis Abeba, seja possível dizer que estamos mais próximo dos 50% do que quando ícones, como Lilian Ngoyi, Miriam Makeba, Dulcie September e outras, eram guerreiras solitárias num mundo de homens.

Diz-se que quando se educa uma mulher educa-se uma nação, mas em ZULU dizemos:

"WATHINTA ABAFAZI WATHINTA IMBOKODO BHASOBHA BAZOKUSAYISA"
(Tocas numa mulher, tocas numa rocha; tem cuidado ou serás esmagado)

Muito obrigada.

SPEECH DELIVERED BY AMBASSADOR KEITUMETSE MATTHEWS AT A CEREMONY TO MARK 50 YEAR GOLDEN JUBILEE OF THE OAU-AU IN THE SENATE HALL OF THE PARLIAMENTARY ASSEMBLY OF THE REPUBLIC OF PORTUGAL ON WEDNESDAY 29TH MAY 2013 11H00

CHAIRMAN OF THE PORTFOLIO COMMITTEE ON FOREIGN AFFAIRS AND COMMUNITIES, MR ALBERTO MARTINS;

THE DEPUTY-MINISTER OF FOREIGN AFFAIRS MR ALMEIDA LEITE;

MINISTERS AND DEPUTY-MINISTERS;

EXCELLENCIES, AMBASSADORS ACCREDITED TO PORTUGAL;

FELLOW AMBASSADORS FROM OUR CONTINENT AFRICA ACCREDITED TO PORTUGAL;

MEMBERS OF THE DIPLOMATIC CORPS;

LEADERS OF THE OPPOSITION PARTIES;

MEMBERS OF PARLIAMENT;

YOUNG PEOPLE EVERYWHERE AND THE VARIOUS YOUTH ORGANISATIONS;

NON-GOVERNMENTAL ORGANISATIONS;

DISTINGUISHED GUESTS;

MADAM SELENA PEREIRA;

MR CHALO CORREIRA;

LADIES AND GENTLEMEN

MR CHAIRMAN,

In April this year the African Union Commission together with the United Nations Development Fund launched a regional programme entitled **Building an Enabling Environment for Women's Economic Empowerment and Political Participation in Africa**. Bearing in mind that the Pan African Women's Organisation was formed in 1962 which shows how smart the women were, it is only fitting that as we celebrate the Golden Jubilee of the Organisation of African Unity- African Union, we consider the role of women on the Continent, since that has been stated to be a key priority in the African Union's agenda going forward.

The Director of the United Nations Development Fund stated: I quote

"Africa is on the cusp of a transformational development and we see the empowerment of women as a fundamental underpinning for the social, political and economic transformation of Africa." Close Quote.

The programme seeks to achieve four main outcomes by 2016:

1. Enhanced capacity to support gender responsive agricultural investment within the African Union and the Regional Economic Communities
2. Access to finance and business development services for women and youth entrepreneurs
3. Increased representation in positions of leadership whether by election for political office or nomination to boards of public entities, tribunals and commissions at the regional level
4. Enhanced integration of gender equality in institutional planning, budgeting and monitoring processes at regional level, that is, within the AU or in the Regional Economic Communities.

In referring to the programme, the Chairperson of the African Union Commission Dr Nkosazana Dlamini-Zuma said, "the programme will contribute to the reduction of gender inequalities, guarantee equal access to opportunities and

rights and empower African women to be equal partners in the continent's agenda."

Mr Chairman,

I have referred to the Regional Economic Communities or RECs for short, in my speech and perhaps it would be helpful to name some of them. The African Union has 8 Regional Economic Communities which act as bridges to African integration with varying degrees of success. They are, the Economic Community of West African States (ECOWAS) the East African Community (EAC), the Common Market for Eastern And Southern Africa (COMESA), the Southern African Development Community (SADC), the Arab Maghreb Union (AMU) the Community of Sahel-Saharan States (CEN-SAD) and the Inter-governmental Authority on Development (IGAD). The successful implementation of the Continent's integration plans inform the economic and other benefits to alleviate the conditions of the people and maybe, the slow movement towards the achievement of the goal of integration will be more dynamic when women organize, lead and co-ordinate it.

Mr. Chairman,

Why women empowerment?

I would like to leave the Assembly with a few thoughts which hark for the urgent need for the empowerment of women on the African continent:

More than 168 million women are actively involved in the economies of sub-Saharan Africa. The cost to society for failing to invest in gender equality and female empowerment between the years 2005-2015 will widen the gender gaps in education at primary and secondary school levels and is estimated to lead to a 0.4% reduction in economic growth annually. Countries that invest in promoting the social and economic status of women tend to have lower poverty rates – and an extra year of secondary school for girls can increase their future wage by 10-20%.

Currently, more than 80% of the food in Africa is produced by women and yet they only own 1% of good arable land. If they were on par with men in terms of

access to resources they could increase yields on their farms by a third, 30%. There are disparities between the North of the continent and the rest of Africa. For example, employment of women in the non agricultural sectors in North Africa are about 18.8% (2009) figures, and 32.6% in the rest of Africa.

One could continue.... Suffice to say, we would like to see higher figures in every activity in all sectors, public and private, in all regions. As women leaders we will be paying close attention to the progress of the AU/UNDP programme to ensure that expectations are met, that the goals are driven by women in line with the call to women made by Dr Dlamini-Zuma when she exhorted women to be the drivers in the change they want for themselves and the Continent. African women must lead the African Renaissance and shape the vision of the African Union for the next 50 years

It is heartening to note that the AU Solemn Declaration on Gender Equality in its commitment to the Gender Parity principle set itself a target of 50% female representation in all organs of the African Union Regional Economic Communities, National Governments Parliaments and Judiciaries. In 2012 women accounted for 21.2% of Members of Parliament in Africa, an increase from 19.8% in 2011.

Mr. Chairman,

It is our fervent hope that at the closing ceremony to end these Golden Jubilee celebrations next year in Addis Ababa it will be possible to say that we are closer to the 50% than we were when our icons Lilian Ngoyi, Miriam Makeba, Dulcie September and others were lone warriors in a men's world.

It is said when you educate a woman you educate a nation but in ZULU we say:

“WATHINTA ABAFAZI WATHINTA IMBOKODO BHASOBHA BAZOKUGAYISA”

(You touch the women you touch the rock, watch out you will be crushed)

I thank you.

Colóquio Comemorativo dos 50 Anos da União Africana

Assembleia da República, 29 Maio 2013

**S.Ex^a. Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação,
Francisco Almeida Leite**

Exmo. Senhor Presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros e Comunidades Portuguesas;

Exmos. Senhores Deputados;

Exma. Senhora Secretária-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros;

Exmos. Srs. Embaixadores dos Países Africanos em Lisboa;

Exmos. Senhores Embaixadores;

Ilustres convidados;

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Começo por felicitar as Nações africanas pelos 50 anos da fundação da Organização de Unidade Africana, predecessora da atual União Africana, e manifestar a minha enorme

satisfação por estar aqui, na Assembleia da República, nas comemorações de uma data tão importante.

No passado fim-de-semana, tive o privilégio de participar, em nome do Governo Português, nas comemorações oficiais que tiveram lugar em Adis Abeba, onde pude testemunhar a vitalidade desta Organização e o sentimento generalizado de otimismo em relação ao futuro de África.

A Organização de Unidade Africana surgiu em 1963, numa época de grandes transformações e desafios para as nações africanas, tendo desempenhado um importante papel na promoção da solidariedade entre os Estados africanos, na história da libertação do continente e no processo de integração regional em África.

A transformação da OUA em União Africana (UA) em 2002 foi o resultado da alteração dos acontecimentos no Continente e no mundo, implicando a necessária adaptação da Organização para melhor responder a novos desafios.

Dotada de uma nova arquitetura orgânica, a União Africana soube fazer a transição para a nova realidade geopolítica internacional pós “Guerra Fria”, relançando o projeto pan-africanista numa base **mais alargada** – crescendo até aos seus atuais 54 membros -, **mais eficiente e mais ambiciosa.**

É de assinalar que o ato constitutivo desta organização afirma o seu compromisso expresso com os princípios democráticos e os direitos humanos, substituindo o princípio da

“não-interferência” nos assuntos dos Estados Membros pelo da “não-indiferença”.

A União Africana tem assim vindo a assumir-se, cada vez mais, como interlocutor e porta-voz por excelência das aspirações e interesses do continente africano no plano internacional.

A sua articulação com as várias organizações africanas sub-regionais, por outro lado, tem também contribuído para a dinâmica e coerência do projeto, reforçando a sua legitimidade junto dos povos e estados africanos ao garantir a proximidade com os seus vários interesses e prioridades.

Hoje, a União Africana está mais forte, não só para enfrentar os problemas do Continente, como também para caminhar para um desenvolvimento económico sustentável

centrado nas pessoas e numa aposta clara na integração do Continente, grande objetivo do pan-africanismo.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Portugal, país profundamente ligado a África ao longo da sua história, quer continuar a estar unido aos povos africanos para, em conjunto, poder contribuir para o crescimento e desenvolvimento deste grande Continente.

Ao nível multilateral, mantemos relações de grande proximidade não apenas com a UA, mas também com as organizações sub-regionais, nomeadamente a SADC e a CEDEAO, as quais, juntamente com a UA têm o português como língua oficial e de trabalho.

A importância da Língua Portuguesa na relação de Portugal com África, assume, por isso, cada vez mais, um papel de relevo, não só como língua de trabalho mas também como língua de negócios.

Paralelamente, estamos a trabalhar no sentido da sua introdução como língua estrangeira de opção curricular, nos sistemas de ensino dos países da África Austral. Facto que é já uma realidade na África do Sul e também na Namíbia desde o início do ano letivo de 2012.

Quero também sublinhar a existência de 38.000 estudantes de Português no Senegal, número que prevemos venha a aumentar num futuro próximo.

Nesta singular relação entre Portugal e África é de assinalar as importantes comunidades

portuguesas neste continente, não só nos países lusófonos, mas também noutros, como é o caso da África do Sul, onde vivem 200 mil portugueses.

E também não nos podemos esquecer das grandes comunidades africanas residentes **aqui em Portugal**, geralmente bem integradas na nossa sociedade. São a face mais visível de Portugal em África e de África em Portugal.

As relações com África sempre constituíram um pilar basilar da política externa de Portugal, caracterizando-se atualmente pela excelência ao nível político e cultural, as quais têm permitido um aprofundamento, cada vez maior, das relações económicas. O potencial económico com vantagens mútuas é imenso e temos que o aproveitar.

É de assinalar que este relacionamento não se restringe apenas aos países africanos lusófonos.

Portugal mantém também relações bilaterais de longa data com um conjunto alargado de países africanos, nomeadamente com os países africanos aqui representados pelos seus Embaixadores, e está empenhado em diversificar, ainda mais, o leque das nossas parcerias africanas.

Além do mais, as nossas referências africanas conferem-nos um valor acrescentado na cena internacional e europeia, contribuindo para uma política externa da UE mais abrangente. As Cimeiras UE-África e a Estratégia Conjunta África-UE, ambas lançadas com o impulso relevante de Portugal, são disso bom exemplo

e constituem expressão do nosso compromisso com este continente.

Recebemos em Lisboa a II Cimeira UE-África, em 2007, e estamos agora ativamente envolvidos na implementação do II Plano de Ação (2011-2013) da Parceria Estratégica Conjunta África-UE. Estamos também apostados em aprofundar a nossa coordenação com a União Africana e outros parceiros relevantes sobre os diferentes temas e iniciativas em curso, tendo em vista a IV Cimeira UE-África, que terá lugar em Bruxelas em Abril de 2014.

A CPLP, atualmente presidida por Moçambique, constitui também um importante instrumento adicional na nossa relação com África. Desde a sua fundação, a CPLP tem vindo a afirmar-se como um ator global,

potenciando a influência e a atividade diplomática dos seus membros em prol da Democracia, dos Direitos Humanos e da Paz, e contribuindo para construir consensos em estreita colaboração com a União Africana, como é o caso da atual situação na Guiné-Bissau.

O Continente Africano é basilar na história da Humanidade, mas, mais que o passado, África representa o **futuro**. O bom resultado já alcançado por muitos países africanos, nas áreas económica, política, social e cultural, faz-nos acreditar no sonho de Nelson Mandela, de que estamos a assistir ao verdadeiro Renascimento Africano.

Muito Obrigado!